

CORNELIA FUNKE

# SANGUE DE TINTA

*Ilustrações*  
Cornelia Funke

*Tradução*  
Sonali Bertuol

*5<sup>a</sup> reimpressão*

**SEGUINTE**  
O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2005 by Cecilie Dressler Verlag  
GmbH & Co. KG, Hamburgo, Alemanha

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua  
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Tintenblut

*Capa*

Cornelia Funke

*Preparação*

Valéria Franco Jacintho

*Revisão*

Luciane Helena Gomide

Márcia Moura

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Funke, Cornelia

Sangue de tinta / Cornelia Funke ; ilustrações Cornelia Funke ;  
tradução Sonali Bertuol. — São Paulo : Companhia das Letras,  
2009.

Titulo original: Tintenblut.  
ISBN 978-85-359-1576-1

1. Ficção alemã i. Título.

09-11072

CDD-833

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura alemã 833

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

## *Sumário*



1. Palavras sob medida, 15
2. Ouro de gato, 23
3. O regresso de Dedo Empoeirado, 28
4. A filha de Língua Encantada, 36
5. Farid, 48
6. A estalagem dos saltimbancos, 60
7. A decisão de Meggie, 74
8. A mulher saltimbanco, 81
9. Meggie lê, 92
10. O Mundo de Tinta, 100
11. Falta, 108
12. Visitas indesejadas, 112
13. Fenoglio, 121
14. Príncipe Negro, 128
15. Ruídos estranhos na noite estranha, 138
16. Apenas uma mentira, 144
17. Um presente para Capricórnio, 150
18. A vingança de Mortola, 158
19. Manhã de aniversário, 166
20. Visita do lado errado da floresta, 178
21. O Príncipe dos Suspiros, 185
22. Dez anos, 190

- 23. Frias e brancas, 200
- 24. No porão de Elinor, 202
- 25. O abrigo na floresta, 206
- 26. O plano de Fenoglio, 215
  - 27. Violante, 223
- 28. As palavras erradas, 236
- 29. Novos senhores, 240
  - 30. Cosme, 245
  - 31. Elinor, 253
- 32. O homem errado, 260
  - 33. Morte-de-fada, 267
- 34. A mensagem de Bailarino das Nuvens, 271
  - 35. Remédio de tinta, 277
  - 36. Gritos, 283
  - 37. Sangue na palha, 286
- 38. Audiência para Fenoglio, 296
- 39. Mais um mensageiro, 310
  - 40. Sem esperanças, 322
- 41. O comboio dos prisioneiros, 325
  - 42. Um rosto familiar, 336
  - 43. Papel e fogo, 339
- 44. A árvore em chamas, 346
  - 45. Pobre Meggie, 351
  - 46. Batidas na porta, 353
  - 47. Roxane, 360
- 48. O castelo à beira-mar, 368
  - 49. O moinho, 371
- 50. A melhor de todas as noites, 381
  - 51. As palavras certas, 386
  - 52. Orfeu furioso, 397
  - 53. Mocho, 399
- 54. Nas masmorras do Castelo da Noite, 408
  - 55. Uma carta de Fenoglio, 413
  - 56. Os ouvidos errados, 418
  - 57. Fogo e água, 425

- 58. Invisíveis como o vento, 429
  - 59. Cabeça de Víbora, 433
  - 60. Fogo na parede, 442
  - 61. Na torre do Castelo da Noite, 450
    - 62. E agora?, 456
  - 63. A Toca do Texugo, 459
  - 64. Tudo perdido, 466
  - 65. O dono da história, 469
  - 66. Papel em branco, 473
  - 67. Bondade e misericórdia, 487
    - 68. Visita, 494
  - 69. A véspera, 497
  - 70. Pena e espada, 500
  - 71. Apenas um sonho, 514
    - 72. A troca, 520
  - 73. Gaio, 532
  - 74. A esperança de Farid, 538
  - 75. Sozinha novamente, 540
    - 76. Um novo poeta, 543
  - 77. Para onde?, 549
- Quem é quem, 553

## 1. Palavras sob medida



*Linha por linha  
Meu deserto particular  
Linha por linha  
Meu paraíso*

Marie Luise Kaschnitz, *Um poema*



Anoitecia, e Orfeu ainda não estava lá.

O coração de Farid batia acelerado, como sempre acontecia quando o dia o deixava sozinho com a escuridão. Maldito Cabeça de Queijo! Onde ele havia se enfiado? Nas árvores, os pássaros já silenciavam, como que sufocados pela noite que se aproximava, e as montanhas ao redor tingiam-se de negro, como se o sol poente as tivesse chamuscado. Logo todo o mundo estaria escuro, negro como o breu, até mesmo a relva sob os pés descalços de Farid, e os espíritos começariam a sussurrar. Farid conhecia apenas um lugar em que se sentia a salvo deles: perto de Dedo Empoeirado, perto a ponto de sentir seu calor. Dedo Empoeirado não temia a noite, ele a amava.

— O que foi? Está ouvindo as vozes novamente? — ele perguntou quando Farid se aproximou. — Quantas vezes vou ter que repetir? Neste mundo não há espíritos. É uma das poucas vantagens que ele tem.

Ele estava encostado num carvalho, parado, os olhos atentos à estrada deserta. Um pouco mais acima, um lampião iluminava o asfalto rachado, ali onde as casas se curvavam diante das montanhas escuras, menos de uma dúzia, grudadas umas nas outras, como se temessem a noite feito Farid. A casa em que Cabeça de Queijo morava era a primeira. Atrás de uma das janelas, uma luz estava acesa. Agora já fazia mais de uma hora que Dedo Empoeirado olhava para lá. Farid tentara várias vezes também ficar ali imóvel, mas seus membros simplesmente não queriam ficar quietos por tanto tempo.

— Vou subir para ver onde ele está.

— Vai nada! — O rosto de Dedo Empoeirado continuava impassível, como sempre, mas sua voz o denunciava. Farid percebeu nela a impaciência... e a esperança, que simplesmente não queria morrer, embora ele tivesse se decepcionado tantas vezes. — Tem certeza de que ele disse “sexta-feira”?

— Tenho! E hoje é sexta-feira, certo?

Dedo Empoeirado apenas confirmou com a cabeça e afastou do rosto uma mecha de seus cabelos compridos até os ombros. Farid havia tentado deixar os seus crescerem também, mas eles se encrespavam e arrepiavam, tão rebeldes que ele acabou por cortá-los curtos com a faca novamente.

— Sexta-feira, na parte baixa da aldeia, às quatro horas, foi o que ele disse. Enquanto seu cão nojento rosnavia para mim como se não tivesse apetite para outra coisa a não ser um garoto moreno de carne firme! — O vento acariciou Farid por baixo de seu pulôver fino, e ele esfregou os braços com frio. Quatro horas... Farid praguejou em voz baixa e olhou para o céu. Mesmo sem relógio ele sabia que já era tarde. — Escute, ele quer nos fazer esperar, aquele cretino metido!

A boca estreita de Dedo Empoeirado esticou-se num sorriso. Tornava-se cada vez mais fácil para Farid fazê-lo sorrir. Talvez por isso ele tivesse prometido levar Farid com ele, caso Cabeça de Queijo realmente o mandasse de volta. De volta para seu mundo, criado com papel e tinta de impressão e com as palavras de um velho homem.

“Que nada!”, pensou Farid. “Por que justamente esse Orfeu faria aquilo que os outros não conseguiram?” Haviam sido tantos os que tinham tentado... Gago, Vista de Ouro, Língua de Corvo... Todos vigaristas que levaram seu dinheiro...

Atrás da janela de Orfeu a luz se apagou, e Dedo Empoeirado endireitou-se bruscamente. Uma porta bateu. Passos começaram a se aproximar na escuridão, passos apressados, irregulares. Então Orfeu apareceu sob a luz do lampião solitário — Cabeça de Queijo, como Farid o batizara em segredo, por causa de sua pele clara e porque, no sol, suava como um pedaço de queijo. Ofegante, ele descia a ladeira íngreme; ao lado dele, seu cão Cérbero, feio como uma hiena. Quando avistou Dedo Empoeirado na beira da estrada, parou e acenou com um sorriso largo.

Farid segurou o braço de Dedo Empoeirado.

— Olhe que sorriso idiota. Falso como ouro de gato! — ele sussurrou. — Como você pode confiar nele?

— Quem disse que confio? O que há com você? Por que está tão irrequieto? Será que prefere ficar por aqui? Automóveis, imagens que correm, música enlatada, luz que expulsa a noite... — Dedo Empoeirado subiu no muro baixo, da altura dos seus joelhos, que beirava a estrada.

— Você gosta de tudo isso. E vai se aborrecer lá aonde quero ir.

O que ele estava dizendo? Como se não soubesse muito bem que Farid só desejava uma coisa: ficar com ele. Irritado, Farid quis responder, porém um estalido seco como o de botas pisando num galho o fez se virar bruscamente.

Dedo Empoeirado também ouvira. Ele parou e escutou. Mas entre as árvores não se enxergava nada, apenas os galhos movimentavam-se com o vento, e uma mariposa, pálida como um fantasma, voou no rosto de Farid.

— Desculpem! Estou um pouco atrasado! — Orfeu exclamou de longe.

Farid ainda não conseguia compreender que uma voz como aquela pudesse sair de tal boca. Eles tinham ouvido falar daquela voz em algumas aldeias, e Dedo Empoeirado imediatamente começara a procurar, mas somente haviam encontrado Orfeu na semana anterior, numa livraria, lendo contos de fadas para um grupo de crianças, das quais aparentemente nenhuma notara o anão que de repente surgira atrás de uma das estantes cheias de livros velhos e gastos. Mas Dedo Empoeirado vira, pegara Orfeu no momento em que ele ia entrar em seu automóvel, e finalmente lhe mostrara o livro, o livro que Farid amaldiçoara mais do que qualquer outro objeto.

— Oh, sim, conheço esse livro! — sussurrara Orfeu. — E você — ele acrescentara quase com devoção e olhara para Dedo Empoeirado como se quisesse examinar melhor as cicatrizes em sua face —, você eu também conheço. Você é o melhor dele. Dedo Empoeirado! O cuspidor de fogo! Quem foi que o leu para cá, para a mais triste de todas as histórias? Não diga nada! Você quer voltar, não é? Mas não consegue encontrar a porta, a porta entre as letras! Não tem problema. Posso fazer uma nova para você, com palavras sob medida! Por um preço camarada. Caso seja realmente quem estou pensando!

Preço camarada! Uma ova. Eles tiveram que lhe prometer quase

todo seu dinheiro e, ainda por cima, esperar por ele horas a fio naquele lugar amaldiçoado, naquela noite que ventava e cheirava a espíritos.

— Você está com a marta? — Orfeu apontou a lanterna para a mochila de Dedo Empoeirado. — Você sabe que Cérbero não gosta dela.

— Não, ela está por aí arrumando alguma coisa para comer. — O olhar de Dedo Empoeirado voltou-se para o livro que Orfeu segurava debaixo do braço. — E então? Você está... pronto?

— Mas é claro! — O cão arreganhou os dentes e fixou o olhar em Farid. — No começo, as palavras estavam um pouco rebeldes. Talvez porque eu estivesse muito agitado. Como já lhe disse no nosso primeiro encontro, este livro — Orfeu passou a mão na capa — era o meu preferido quando criança. Com onze anos, eu o li pela última vez. Ele foi roubado da acanhada biblioteca da qual eu sempre o emprestava. Infelizmente, eu era muito covarde para roubar, porém nunca mais me esqueci do livro. Ele me ensinou para sempre que com palavras é muito fácil escapar deste mundo! Que se encontram amigos entre as páginas, amigos maravilhosos! Amigos como você, cuspidor de fogo, gigantes, fadas!... Sabe o quanto chorei por você quando li sobre a sua morte? Mas você está vivo e tudo vai dar certo! Você vai recontar a história...

— Eu? — interrompeu-o Dedo Empoeirado com um sorriso sarcástico. — Não, acredite, são outros que fazem isso.

— Bem, talvez! — Orfeu pigarreou como se estivesse constrangido por ter revelado tanto a respeito de seus sentimentos. — Seja lá como for, é muito chato eu não poder ir com você — ele disse enquanto se dirigia com seu passo desengonçado para o muro na beira da estrada. — O leitor tem que ficar, é a regra. Tentei de tudo para eu mesmo entrar num livro, mas simplesmente não funciona — com um suspiro, ele parou, pôs a mão sob seu casaco mal-ajambrado e tirou de dentro uma folha de papel. — Bem, aqui está o que você encomendou — ele disse para Dedo Empoeirado. — Palavras maravilhosas apenas para você, uma rua de palavras que o levará diretamente para casa. Aqui está, leia!

Hesitante, Dedo Empoeirado pegou o papel. Ele estava coberto de letras miúdas, inclinadas, entrelaçadas como num bordado. Dedo Empoeirado passou o dedo pelas palavras como se antes precisasse mostrá-las a seus olhos, enquanto Orfeu o observava como um garotinho que espera o professor dar a nota.

Quando Dedo Empoeirado finalmente ergueu a cabeça novamente, sua voz soou surpresa.

— Você escreve muito bem! Magníficas palavras...

Cabeça de Queijo ficou vermelho como se alguém tivesse derramado suco de amora em seu rosto.

— Fico feliz que tenha gostado!

— Sim, gostei muito! Tudo conforme lhe descrevi. Só que soa um pouco melhor.

Com um sorriso encabulado, Orfeu tomou de volta o papel das mãos de Dedo Empoeirado.

— Não posso prometer que a hora do dia será a mesma — ele disse abafando a voz. — As leis da minha arte são difíceis de penetrar, mas, acredite, ninguém sabe mais sobre elas do que eu! Por exemplo, só se deve alterar ou prosseguir a trama de um livro usando as mesmas palavras que se encontram nele. Com um excesso de palavras estranhas, não acontece nada ou então acontece alguma coisa que não se pretendia! Talvez seja diferente quando é o próprio autor que...

— Por todas as fadas, dentro de você há mais palavras do que em toda uma biblioteca! — Dedo Empoeirado interrompeu-o impaciente.

— Que tal se agora você simplesmente lesse?

Orfeu calou-se abruptamente, como se tivesse engolido a própria língua.

— Claro — ele disse com uma voz ligeiramente magoada. — Você verá. Com a minha ajuda, o livro vai recebê-lo de volta como a um filho perdido. Ele vai absorvê-lo como o papel a tinta!

Dedo Empoeirado apenas assentiu com a cabeça e olhou para a estrada deserta. Farid sentia como ele gostaria de acreditar em Cabeça de Queijo e o medo que tinha de se decepcionar novamente.

— E eu? — Farid se pôs bem perto dele. — Ele também escreveu algo sobre mim, não é? Você conferiu?

Orfeu lançou-lhe um olhar pouco amistoso.

— Meu Deus! — ele disse em tom sarcástico para Dedo Empoeirado. — O garoto parece realmente amarrado em você! Onde o apanhou? Na beira de alguma estrada?

— Não exatamente — respondeu Dedo Empoeirado. — Quem o colheu da sua história foi o mesmo homem que também me fez esse favor.

— O tal... Língua Encantada? — Orfeu pronunciou o nome em tom depreciativo, como se não acreditasse que alguém o pudesse merecer.

— Sim, é esse o seu nome. Como você sabe disso? — a surpresa na voz de Dedo Empoeirado era evidente.

O cão farejou os dedos nus dos pés de Farid, e Orfeu sacudiu os ombros.

— Mais cedo ou mais tarde a gente acaba ouvindo falar de todos que são capazes de dar vida às palavras.

— Ah, é? — a voz de Dedo Empoeirado soou incrédula, mas ele não fez mais perguntas. Apenas olhou para o papel que estava coberto com a letra miúda de Orfeu. Cabeça de Queijo, porém, ainda olhava para Farid.

— De que livro você vem? — ele perguntou. — E por que não quer voltar para sua história em vez de ir para a dele, onde você não tem nada que procurar?

— O que você tem a ver com isso? — respondeu Farid em tom hostil. Gostava cada vez menos de Cabeça de Queijo. Ele era muito curioso e muito esperto, esperto demais.

Dedo Empoeirado, porém, apenas riu baixinho.

— Para a história dele? Não, Farid não tem um pingo de saudades de casa. O garoto troca de história como uma cobra troca de pele. — Farid quase ouviu algo como admiração na voz de Dedo Empoeirado.

— Não diga! — Orfeu olhou novamente para Farid com tanto desdém que o garoto teria chutado seus joelhos desengonçados se aquele cão do inferno, que ainda o encarava com seus olhos famintos, não estivesse lá. — Muito bem — disse Orfeu enquanto se sentava no muro. — Assim mesmo devo adverti-lo! Ler você de volta será uma bagatela, mas o garoto não tem nada que procurar na sua história! Não posso mencionar o nome dele. Fala-se apenas de um garoto, como você viu. Não posso garantir que funcione. E mesmo que funcione, provavelmente ele só criará confusão. Talvez até lhe dê azar!

Do que estava falando aquele sujeito maldito? Farid olhou para Dedo Empoeirado. “Por favor!”, ele pensou. “Oh, por favor! Não o escute! Leve-me com você!”

Dedo Empoeirado retribuiu seu olhar. E sorriu.

— Azar? — ele disse, e em sua voz se ouvia que ninguém precisava lhe ensinar nada sobre azar. — Nada disso. O garoto me dá sorte. Além

do mais, ele é um cuspidor de fogo bastante bom. Ele vai comigo. E este aqui também. — Antes que Orfeu entendesse a que ele se referia, Dedo Empoeirado pegou o livro que Cabeça de Queijo havia posto ao seu lado, em cima do muro. — Você não precisa mais dele, e eu dormirei consideravelmente mais tranquilo se ele estiver em meu poder.

— Mas... — Orfeu olhou para ele espantado. — Mas eu lhe disse que é o meu livro favorito! Eu realmente gostaria de ficar com ele.

— Pois é, eu também — Dedo Empoeirado apenas retrucou e passou o livro para Farid. — Tome. Cuide bem dele.

Farid apertou-o contra o peito e assentiu com a cabeça. — Gwin — ele disse. — Ainda temos que chamar Gwin. — Mas, quando ele tirou um pedaço de pão seco do bolso da calça e ia chamar Gwin, Dedo Empoeirado tapou sua boca com a mão.

— Gwin fica! — ele disse. Se ele tivesse declarado que queria deixar para trás seu braço direito, Farid não teria olhado para ele tão incrédulo. — Por que está me olhando assim? Vamos caçar uma outra marta lá do outro lado, uma que não morda tanto.

— Bem, pelo menos quanto a isso você está sendo sensato.

Do que ele estava falando?

Mas Dedo Empoeirado evitou o olhar indagador de Farid. — Agora comece a ler de uma vez! — ele disse rispidamente para Orfeu. — Ou vamos ficar aqui até o sol nascer?

Orfeu olhou para ele por um momento, como se ainda quisesse dizer alguma coisa. Mas então ele pigarreou. — Está bem — ele disse. — Você tem razão. Dez anos na história errada é um tempo longo. Vamos ler.

Palavras.

Palavras encheram a noite como o perfume de flores invisíveis. Palavras sob medida, retiradas do livro que Farid segurava firmemente e ordenadas com um novo sentido pelas mãos pálidas de Orfeu. Elas falavam de um outro mundo, um mundo cheio de espanto e maravilha. E Farid escutou e esqueceu o tempo. Ele nem mesmo sentia mais que existia tal coisa. Havia somente a voz de Orfeu, que não combinava com a boca de onde saía. Ela fazia tudo desaparecer, a estrada esburacada e as casas pobres no seu final, o lampião, o muro no qual Orfeu estava sentado, sim, até mesmo a lua sobre as árvores escuras. E o ar de repente tinha um cheiro estranho e doce...

“Ele é capaz”, pensou Farid, “ele é realmente capaz”, e a voz de Orfeu o deixava cego e surdo para tudo que não consistisse em letras. Quando Cabeça de Queijo se calou de repente, ele olhou confuso ao seu redor, entorpecido pela melodia das palavras. Como as casas podiam ainda estar lá, assim como o lampião enferrujado pelo vento e pela chuva? Orfeu também estava lá com seu cão infernal.

Apenas uma pessoa tinha partido. Dedo Empoeirado.

Farid, porém, continuava naquela mesma estrada deserta. No mundo errado.

